UCRÂNIA TERIA PLANEJADO UMA OPERAÇÃO DE FALSA BANDEIRA EM KALININGRADO

*Por Andrew Korybko**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Jornal polonês diz que a Rússia preparava em Kaliningrado uma provocação de "falsa bandeira" para culpar a Ucrânia, mas Putin evita a escalada e a explicação mais simples aponta para Kiev: um canal de gestão de crises entre Rússia, Polônia e EUA é urgente.

O jornal conservador polonês *Rzeczpospolita* citou membros não identificados dos serviços de segurança ao relatar que a Rússia estaria planejando, em Kaliningrado, uma provocação do tipo "falsa bandeira", uma referência ao infame incidente orquestrado pelos nazistas que serviu de pretexto para a invasão da Polônia. Segundo essas fontes, a culpa seria atribuída à Ucrânia; cidadãos ucranianos que se encontram na Polônia teriam sido recrutados para cruzar a fronteira como parte de um ataque terrorista que o Kremlin supostamente estaria orquestrando contra seus próprios cidadãos no exclave.

O *Rzeczpospolita* atribui a uma operação policial de contraterrorismo, realizada pela Polônia na fronteira sem aviso prévio, o mérito de ter impedido essa operação, cujo objetivo seria aprofundar a divisão entre a Polônia e a Ucrânia, visando o rompimento

das relações entre os dois países. Por mais convincente que essa narrativa possa parecer a alguns leitores, é difícil acreditar que Putin tenha autorizado uma operação de "falsa bandeira" que resultaria na morte de seu próprio povo, ainda mais em um local como Kaliningrado.

Em meados de setembro, o ministro das Relações Exteriores da Polônia, Radek Sikorski, afirmou que a OTAN derrotaria rapidamente a Rússia em um eventual conflito armado direto. A declaração levou autoridades russas a lembrar ao bloco que o país recorreria a armas nucleares caso Kaliningrado fosse invadido. Pouco depois, Putin reafirmou essa política, justificando-a com base na assimetria de poder entre as partes. Putin é um pragmático convicto e, por diversas vezes, evitou escalar retaliações contra a OTAN e a Ucrânia, justamente para prevenir uma Terceira Guerra Mundial.

Sua relutância em promover uma escalada, mesmo após a "Operação Teia de Aranha" (*Operation Spiderweb*), conduzida pela Ucrânia com o apoio da OTAN contra a tríade nuclear russa no verão de 2025, levou o Ocidente a acreditar que ele não tem mais a disposição necessária para conter essas ações por meio da imposição das "linhas vermelhas" de seu país. É nesse contexto que se explica por que a França, ignorando as repetidas ameaças russas de atacar forças estrangeiras na Ucrânia, enviou contingentes próprios ao país desde o início daquele verão. É importante ressaltar que nenhuma fonte oficial russa, francesa ou ucraniana indica que tenha ocorrido sequer um ataque.

De fato, ao ser questionado sobre o assunto, o ministro das Relações Exteriores, Sergey Lavrov, revelou que "Transmitimos nossa preocupação pelos canais disponíveis", e nada mais. Fica bastante claro que Putin não tem a intenção de escalar as tensões com a OTAN; portanto, é inacreditável que ele tenha autorizado uma operação de "falsa bandeira" com esse objetivo. A ideia torna-se ainda mais fantasiosa ao considerar que o suposto alvo seria Kaliningrado, um local que a Rússia teme tanto que seja invadido pela OTAN que chegou a ameaçar publicamente o uso de armas nucleares, caso isso ocorresse, como forma de dissuadir o bloco.

Assumindo que a Polônia tenha, de fato, obtido informações de inteligência indicando que os ucranianos planejavam se infiltrar em Kaliningrado, a "navalha de Occam" sugere que a explicação mais simples, a de que se trata de uma provocação ucraniana, é a mais provável. Acredita-se amplamente que Kiev mantenha inúmeros agentes entre os cerca de um milhão de cidadãos ucranianos que se encontram na Polônia; além disso, avalia-se que Kiev tenha interesse em intensificar as tensões entre a OTAN e a Rússia, tendo sido, inclusive, acusada anteriormente por Moscou de planejar operações de "falsa bandeira" com esse propósito.

Tal episódio teria desencadeado um incidente cinético transfronteiriço caso os guardas de fronteira russos tivessem disparado contra o território polonês para deter os infiltrados ucranianos. Isso poderia ter provocado uma crise entre a OTAN e a Rússia, algo que Zelensky talvez esperasse que pudesse inviabilizar o recém-retomado processo de paz. Foi justamente com o intuito de evitar preventivamente um cenário como esse que, no mês passado, o Conselho Russo para Assuntos Internacionais (RIAC) defendeu a criação de um canal de controle de crises entre a Rússia, a Polônia e os Estados Unidos. Essa necessidade se mostra, agora, mais urgente do que nunca.

***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos complementares de equilíbrio geoestratégico da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
